

EDUCOMUNICAÇÃO SOCIOAMBIENTAL NO PROCESSO DE CRIAÇÃO AUDIOVISUAL NA ONG ABAQUAR BRASIL

Carolina Alberton Leipnitz¹ e Jane Márcia Mazzarino²

RESUMO: O presente artigo tem o objetivo de investigar como o processo da produção de um vídeo ambiental sobre a água pode ser um elemento gerador de sensibilização ambiental e transformação social, para um determinado grupo de alunos de uma ONG localizada no Bairro Santo Antônio, da cidade de Lajeado/RS. Conceitua-se Educomunicação Socioambiental e Educação Ambiental. Discutem-se os resultados da apropriação de meios midiáticos por jovens da periferia. A metodologia utilizada é a da pesquisa-ação, em que o pesquisador intervém na realidade dos pesquisados. Conclui-se que se conseguiu gerar uma sensibilização pelo grupo pesquisado; no entanto, a falta de familiaridade com a temática limitou o processo de educomunicação.

PALAVRAS-CHAVE: Educomunicação. Água. Abaquar Brasil. Socioambiental. Pesquisa-ação.

1 INTRODUÇÃO

A água é a fonte de vida do Planeta Terra. O Brasil possui uma das maiores reservas hídricas do mundo. A água é um líquido vital e cobre $\frac{3}{4}$ da superfície do mundo, mas sua distribuição desigual é a maior causa de problemas. De acordo com a Agência Nacional das Águas, a Terra possui 97,5 % de água salgada e somente 2,5% de água doce (AGÊNCIA... [2009?]).

O nosso país é um dos primeiros em disponibilidade hídrica em rios do mundo, mas a poluição e o uso inadequado afetam esse recurso em diversas regiões. A Lei nº 9.433, de 08 de janeiro de 1997, conhecida como Lei das Águas, estabelece que este é um bem de domínio público e um recurso natural limitado, dotado de valor econômico. Nos dias de hoje, percebe-se uma grande preocupação da população mundial com a água e o meio ambiente num contexto geral (BRASIL, 1997).

A água é um assunto bastante discutido e de suma importância para o ser humano. Acompanhando diversos movimentos ligados à questão ambiental hoje, pode-se perceber que existe grande preocupação com o meio ambiente e tudo o que se relaciona com ele. Percebem-se ONGs em defesa do tema, projetos de empresas preocupando-se em trabalhar de uma maneira ecologicamente correta, campanhas publicitárias em vários níveis envolvendo meio ambiente e aspectos sociais. Diversas notícias colocam em foco problemas relativos ao meio ambiente em que as pessoas encontram-se inseridas, tudo isso refletindo em uma ambientalização dos discursos sociais.

Este artigo apresenta uma ação desenvolvida na região do Vale do Taquari/RS em relação à questão ambiental. Um dos projetos envolvidos na investigação está vinculado ao Centro de Ciências Humanas e Jurídicas (CCHJ), do Programa de Ações Comunitárias (PAC) do Centro Universitário

1 Graduada em Relações Públicas pelo Centro Universitário UNIVATES. E-mail: carolinaleipnitz@gmail.com

2 Doutora em Ciências da Comunicação. Jornalista. Professora do Centro Universitário UNIVATES. Orientadora do trabalho de Carolina. E-mail: janemazzarino@gmail.com

UNIVATES e ao Programa de Pós-Graduação Ambiente e Desenvolvimento (PPGAD), denominado de “Comunicação para Educação Ambiental”. O objetivo do projeto é gerar sensibilização ambiental por meio do uso de material midiático produzido pelo grupo, o qual o material midiático serve de suporte para ações educativas comunitárias. Este projeto parte do pressuposto de que com ação educativa se consegue gerar reflexão crítica sobre temáticas ambientais.

Outro projeto envolvido na pesquisa é a ONG Abaquar Brasil, que se utiliza da produção midiática para geração de conhecimento. O projeto “Ressocializando através da filmagem” teve a duração de dez meses e foi fruto de parceria entre a Fundação Vale do Taquari de Educação e Desenvolvimento Social (FUVATES); o Centro de Referência Especializado em Assistência Social (CREAS), por meio do Programa de Atendimento às Medidas Socioeducativas em Meio Aberto (PAMSEMA) e Secretaria do Trabalho, Moradia e Assistência Social da Prefeitura de Lajeado/RS (STHAS). O projeto busca reintegrar e ressocializar os adolescentes da cidade de Lajeado/RS, que tiveram algum tipo de conflito com a lei. por intermédio das oficinas de filmagens. Tal atividade se deu pelo patrocínio da Associação Nacional dos Funcionários do Banco do Brasil (ANABB), que financiou os equipamentos e os monitores necessários (ABAQUAR..., 2009).

A pesquisa vai focar o processo de produção realizado por um grupo de três jovens que atuam na ONG Abaquar Brasil, que utiliza esses materiais midiáticos em oficinas abertas à comunidade do Vale do Taquari. Um desses materiais é a cartilha da água (CENTRO UNIVERSITÁRIO..., 2009).

A ONG Abaquar Brasil é uma entidade localizada no bairro Santo Antônio de Lajeado/RS e funciona desde 2003. Tem como objetivo ser um meio de acesso à cidadania para crianças e adolescentes, buscando o resgate do respeito dos jovens por si mesmos e pelos outros. Por meio de oficinas de acesso livre, ministradas na sede da organização por voluntários, com atividades realizadas na área da educação, sensibilidade, esporte, lazer e cultura, os frequentadores do espaço têm a oportunidade de trabalhar a sua sociabilidade, autoestima e conhecimento.

Com isso, questionava-se como a produção de um vídeo de caráter ambiental poderia ser um elemento de informação e sensibilização ambiental de seus produtores? Como se daria a apropriação das tecnologias de informação na produção de um vídeo ambiental? Quais transformações seriam possíveis de identificar neste grupo de jovens da periferia? Trabalhou-se com a hipótese de que a produção de material midiático, neste caso um vídeo, poderia interferir na vida das pessoas que o produziram, sensibilizando-os para agirem de acordo com o conteúdo do material gerado. Assim, o objetivo geral deste artigo é investigar como o processo da produção de um vídeo ambiental pode ser um elemento gerador de sensibilização ambiental e transformação social. A abordagem da pesquisa é qualitativa, baseada na análise de conteúdo realizada sobre entrevistas semiestruturadas.

Para Soares (2009b), o termo educomunicação é uma junção de ações destinadas a integrar às práticas educativas um estudo dos sistemas de comunicação, com a criação e fortalecimento de ecossistemas comunicativos dentro de espaços educativos, e, também, com o melhoramento de coeficientes comunicativos das ações educativas. Educomunicação é ainda um termo relativamente novo, além de ser também um campo de pesquisa e de interação social.

A educomunicação, conforme Soares (2009a) surge a partir de pesquisa desenvolvida pelo Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP, 2009), entre 1997 e 1998, com um grupo de 178 especialistas de 12 países da América Latina. Percebeu-se que a educação estava se utilizando das tecnologias da comunicação, o que se transformou em um elemento de integração entre estas áreas e apontou para a existência de um novo profissional denominado educuidador, dando origem, conseqüentemente, a um novo e distinto campo de estudo: a educomunicação.

Assim, para Soares (2009a, p. 1), “educuidador é o profissional que demonstra capacidade para elaborar diagnósticos e de coordenar projetos no campo da inter-relação Educação/

Comunicação". As atividades desenvolvidas por um educador abrangem a implementação de programas de "educação para a comunicação", que favoreçam ações que permitam o relacionamento adequado de grupos de pessoas com o sistema de meios de comunicação, além do assessoramento a educadores no uso adequado dos recursos de comunicação, utilizados como ferramentas de expressão da cidadania.

Jacquino (1998) defende a ideia de que o educador é um professor do século XXI, pois integra diferentes meios nas práticas pedagógicas. A autora coloca, ainda, que um educador tem a dupla função teórica nas ciências da educação e da comunicação. Para ela, é aquele profissional que está além da aquisição dos simples conhecimentos escolares, vendo nos meios a riqueza de seus conteúdos informativos e, além disso, reconhece que não há mais um monopólio na transmissão do saber, entendendo que não é só o professor quem tem o direito de palavra.

A educação, de acordo com Soares (2009b), se detém em observar como os meios de comunicação agem na sociedade, além de buscar maneiras de ajudar os alunos a não se deixarem manipular por esses. Para o autor, a educação cria e fortalece ecossistemas comunicativos em espaços educativos, revendo as relações de comunicação na escola e na comunidade, criando ambientes abertos e democráticos e, assim, melhorando o coeficiente expressivo e comunicativo das ações educativas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Uma das hipóteses centrais com que o NCE/ECA/USP trabalhou na sua pesquisa foi a de que este novo campo da inter-relação comunicação/educação já está consolidado, segundo Soares (2009a, p. 22), para quem a segunda hipótese é a de que este novo campo "[...] estrutura-se de um modo processual, midiático, transdisciplinar e interdiscursivo, sendo vivenciado na prática dos atores sociais, através de áreas concretas de intervenção social".

O estudioso acima explica que a terceira hipótese do grupo é que o campo da educação se materializa em quatro áreas de intervenção social, como: a) Área da educação para a comunicação, que se constitui por intermédio das reflexões em torno da relação entre os produtores, o processo produtivo e a recepção das mensagens do processo de comunicação e no processo pedagógico, nos programas de formação de receptores críticos e autônomos frente aos meios; b) Área da mediação tecnológica na educação, que busca compreender o uso das tecnologias da informação em processos educativos; c) Área da gestão da comunicação no espaço educativo, que abrange a criação de ecossistemas comunicativos, ou seja, o planejamento, a execução e a realização dos processos e procedimentos articulados no âmbito da comunicação/cultura/educação; d) Área da reflexão epistemológica sobre a inter-relação comunicação/educação, que é percebida como um fenômeno cultural em ascensão. Essas quatro áreas da educação podem ser usadas para abordar diferentes temas da sociedade contemporânea. Entre eles, os temas socioambientais.

Cada vez mais as pessoas se perguntam sobre questões relativas ao meio ambiente. O que já foi feito, o que se pode fazer para controlar ou evitar problemas e o que cada um faz para minimizar os efeitos de impactos ambientais sentidos hoje. Muitas ONGs trabalham sobre essa questão com diversos tipos de ações, entre estas, as de educação, utilizando-se de meios como televisão, rádio, jornal, documentários, fotografias, blogs etc. Esta área pode ser chamada de educação socioambiental, entendida como as ações educativas no campo da comunicação ambiental. Esta área passa a ser adotada como uma política pública a partir da necessidade do Departamento de Educação Ambiental do Ministério do Meio Ambiente (DEA/MMA), em 2005. Com proposta de formular metodologias de produção e veiculação dos conteúdos de educação ambiental pelos meios de comunicação, esta política de comunicação ambiental também é considerada pelos seus mentores uma cultura educativa.

A educomunicação socioambiental pode ser encarada como uma poderosa ferramenta condutora de informação. Parte-se do princípio que, com produções de vídeos, jornais e campanhas midiáticas trabalhadas em escolas, ONGs e outros órgãos educativos, torna-se possível atingir e fazer refletir um grande número de espectadores da comunidade onde os produtores midiáticos estão inseridos.

Martirani (2008) menciona que o papel do educador socioambiental é o de desenvolver reflexões sobre os comportamentos individualistas, a insustentabilidade de uma cultura consumista, os aspectos psicológicos que cercam os gestos de consumo, proporcionando, assim, elementos que serão capazes de racionalizar esses gestos, e gerar transformações em direção a uma sociedade mais sustentável. Também cabe à educação socioambiental analisar os discursos de materiais veiculados na mídia, de modo a gerar reflexão sobre como se formam valores para uma sociedade mais sustentável. Além disso, é papel da educomunicação socioambiental a formação de cidadãos capazes de organizar e atuar para fortalecer os objetivos e as ações da educação ambiental.

A educação ambiental surge da preocupação da sociedade com o futuro e com a qualidade de vida das presentes e futuras gerações, para Carvalho (2008, p. 51): “faz parte do movimento ecológico, podendo ser compreendida também como uma alternativa que visa “[...] construir maneiras de os grupos sociais se relacionarem com o meio ambiente”.

Em um segundo momento, a educação ambiental também se transforma numa proposta educativa, que dialoga com o campo educacional. A partir do Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e responsabilidade global formulado na Conferência da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre Desenvolvimento e Meio Ambiente, no Rio de Janeiro, conhecida também como Rio-92, é que aconteceu a definição do marco político para o projeto pedagógico da educação ambiental. Este Tratado expõe que a educação ambiental contribui para a transformação humana, social e preservação ecológica; que deve promover a transformação e construção da sociedade; que deve ser planejada para capacitar pessoas; que requer uma democratização dos meios de comunicação de massa, tendo o seu comprometimento com os interesses de todos os setores da sociedade; e, ainda, deve ajudar a desenvolver uma consciência ética sobre as formas de vida do planeta, conforme Costa (2005).

Em processos de educação ambiental, a área da comunicação tem se mostrado uma grande aliada. A necessidade dos educadores se apropriarem de meios de comunicação surge com o intuito de complementação de ambas as áreas em prol de uma educação nova. Alguns objetivos dos educadores socioambientais são analisar os discursos midiáticos e publicitários, e levar informação aos cidadãos que permitam a organização e a atuação em sistemas de comunicação visual voltados para a educação ambiental. A diferença entre a educomunicação e a educação ambiental se fundamenta no diferente uso de ferramentas para um mesmo propósito. Enquanto a educação ambiental trabalha com atividades pedagógicas, a educomunicação se apropria de meios mais complexos de comunicação para passar o seu recado.

Gutiérrez (1978) faz apontamentos sobre os meios de comunicação na escola, mas que podem ser entendidos também no seu uso em processos educativos não formais e informais. O processo da educomunicação traz à escola, às comunidades, às associações, aos meios formais e informais de educação e aprendizado, uma utilização de saberes técnicos com populares, todos convergindo para a educação em algum nível.

Portanto, as práticas comunicacionais são inerentes aos processos educativos, especialmente os de cunho ambiental. É necessário que os mediadores dos processos comunicacionais - educativos ambientais estejam atentos para a significação promovida pelos receptores destas mensagens ambientais e seus reflexos na construção da cidadania.

O conceito de cidadania é bastante amplo pelo fato de ser histórico. Cidadania é ter direitos civis, políticos e sociais, dando ao homem o direito à liberdade, voto e educação; em contrapartida, exigindo dele o cumprimento dos seus deveres para com a sociedade em que se está inserido (PINSKY; PINSKY, 2003). Ser cidadão é um termo que varia no tempo e no espaço, pois em cada país do nosso planeta o conceito “ser cidadão” é adequado a uma série de fatores.

Na educação ambiental, o uso dos meios de comunicação para a construção da cidadania é uma realidade. Buscam-se diferentes maneiras de tornar os cidadãos críticos, para que estes, futuramente, se tornem agentes transformadores da nossa sociedade. Nesse sentido, Soares (2009c) afirma que nas pesquisas realizadas no NCE/ECA/USP tem-se observado que a união entre os campos da comunicação e educação há um novo campo de intervenção social. Neste caso, as ONGs são reconhecidas como possíveis casos de estudo por serem articuladoras de novas propostas. Ele ainda afirma que: “o novo espaço de intervenção social, associando a Comunicação e a Educação num campo interdiscursivo e interdisciplinar não respeita, na verdade, as fronteiras da “formalidade” ou da “informalidade” das situações e dos projetos educativos” (SOARES, 2009c, p. 3).

Esse estudioso conclui refletindo sobre a relação entre educação e comunicação, que está produzindo mudanças nas relações sociais e nos modos como os grupos humanos interagem. Produção de conhecimento agregado a tecnologias da informação e processos de cidadania podem ser observados toda vez que agentes sociais intervêm a partir de uma ótica sociopolítica.

O potencial educativo dos meios de comunicação, tanto de grande ou pequeno porte, pelo seu processo e pelo conteúdo transmitido, é muito significativo na construção da cidadania, desde que possibilite a participação dos envolvidos nas diferentes etapas do processo: planejamento, produção e gestão:

No Brasil, as configurações mais recentes evidenciam um maior uso das tecnologias de comunicação (rádio, televisão, Internet, etc.) pelas organizações comunitárias e ONGs e de um processo crescente de democratização dos meios de comunicação de massa na sociedade. O poder de transmitir mensagens através da mídia, principalmente a de cobertura local e regional, amplia-se a novos emissores. Ao mesmo tempo a grande mídia também democratiza seu espaço a temáticas de interesse público (PERUZZO, [entre 1998 e 2009], p. 11).

Para Peruzzo ([entre 1998 e 2009]), os meios de comunicação, num contexto de organizações da sociedade civil, assumem um papel educativo em que a participação popular se constrói em prol de um desenvolvimento social, se revelando, assim, como um espaço de aprendizado e construção/ ampliação da cidadania.

Quando o uso dos meios de comunicação se dá em espaços formais e informais de educação e envolve a temática ambiental, se está construindo, mesmo que lentamente, uma sociedade um pouco mais sustentável, responsável e cidadã.

Portanto, a educomunicação socioambiental pode ser trabalhada em diversos níveis e meios. No presente trabalho, busca-se desenvolver o processo a partir da linguagem audiovisual, por meio da produção de um vídeo/filme de educação ambiental e analisando seus resultados. É preciso levar em conta que a utilização dos meios audiovisuais nas redes de educação, estes formais ou informais, buscam a criação e expressão de sentimentos, curiosidades e necessidades daqueles que os utilizam. As produções com ferramentas audiovisuais são facilmente mais atrativas e de fácil veiculação por se tratar de uma linguagem mais completa, que utiliza imagens, sons e palavras para transmitir a sua mensagem.

Entende-se que o uso da linguagem audiovisual se constitui em uma estratégia de sensibilização ambiental em processos de educomunicação voltados para a construção da cidadania. Para investigar uma destas experiências, foi proposto a três jovens da ONG Abaquar Brasil o desafio

de construir, juntos, um vídeo sobre a água, a partir de uma demanda do projeto de extensão Comunicação para Educação Ambiental, do Centro Universitário UNIVATES.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para esta pesquisa, considera-se adequado o uso de métodos qualitativos, já que o objetivo é compreender como o processo da produção de um vídeo ambiental pode ser um elemento gerador de sensibilização ambiental e transformação social para um grupo de três participantes da ONG Abaquir Brasil. A amostra é não-probabilística, em que os informantes foram escolhidos por tipicidade, porque são considerados representativos da população-alvo sobre a qual se quer aprofundar o conhecimento.

A pesquisa é, quanto aos fins, aplicada e intervencionista. Já quanto aos meios é uma pesquisa de campo, documental, bibliográfica e adota o método da pesquisa-ação-participante (VERGARA, 2004), quando há intervenção do pesquisador na realidade pesquisada. Thiollent (2003, p. 13) define a pesquisa-ação como:

Um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Na pesquisa-ação o papel do pesquisador é ativo no acompanhamento, organização e avaliação das ações. É pesquisa participativa porque há experimentação de uma situação real e a ação interfere no que está sendo observado. Pretende-se com o uso desse método alcançar realizações, ações efetivas, mudanças e transformações no campo social pesquisado.

A pesquisa-ação é voltada para áreas de atuação em função de sua orientação prática. Ela opera principalmente como pesquisa aplicada nas áreas de educação, comunicação, serviço social, entre outras. Quando se trata de pesquisa na área da comunicação “[...] a ‘matéria prima’ é feita de linguagens, palavras e imagens a serem capturadas e interpretadas” (Thiollent, 2003, p. 77). Colocar isto em evidência pode ser um ponto de partida para novas experiências comunicativas e artísticas, segundo o autor, ou seja, assim, “ao nível da atividade comunicativa concreta, esta perspectiva se concretiza em elaboração de material midiático, concepção de meios de comunicação alternativos tais como jornais, filmes, videoteipes, etc.” (Thiollent, 2003, p. 78).

Como esses meios conseguem divulgar informações e, sobretudo, modos de leitura alternativos, a transformação ocorrida durante a pesquisa é essencialmente em nível discursivo, em que, a partir de uma pesquisa, se torna possível produzir e disseminar informações ou conhecimentos.

Como a educação ambiental é entendida como um processo que deve ser essencialmente participativo e democrático, que transforme sujeitos na sua relação com o meio ambiente em que vivem, justifica-se a escolha deste método. Para Tozoni-Reis (2007, p. 138): “[...] o processo de produção de conhecimentos acerca da educação ambiental tem como ponto de partida os fenômenos comunitários da prática educativa.”

Exposto o método, explica-se agora o processo de coleta de dados. Nesta etapa foram utilizadas as seguintes técnicas: a) Pesquisa de campo: realizadas entrevistas informais e focalizadas; b) Pesquisa bibliográfica: utilizadas como fontes livros, artigos, teses, jornais e revistas especializadas em meio ambiente, a cartilha da água que foi desenvolvida pelo Programa de Ações Comunitárias (PAC) da Univates, denominado de “Comunicação para Educação Ambiental”, e sites com dados necessários para embasamento da temática na produção do vídeo; c) Pesquisa documental: foi visitada a Biblioteca Pública Municipal, buscando documentos que pudessem

ajudar no comparativo que o grupo pretendia fazer sobre o rio que banha o município de Lajeado (Rio Taquari) de antigamente e de agora. Foi feito contato com a unidade da Emater em Lajeado para informações sobre monoculturas de eucaliptos. Assistiu-se ao vídeo produzido pelo projeto “Comunicação para Educação Ambiental” e que tinha como tema o lixo, e alguns vídeos sobre meio ambiente baixados da internet também serviram como base para que os alunos da Abaquar Brasil pudessem se guiar para a produção do seu vídeo; d) Observação: optou-se pela observação participante, em que o pesquisador está engajado na vida e situação do grupo, acabando por ser ator ou espectador interativo, como é adequado do método da pesquisa-ação-participativa.

As entrevistas foram interpretadas com uso de análise textual, que, segundo Moraes (2007, p. 89), é:

[...] um processo integrado de análises e de síntese, que se propõe a fazer uma leitura rigorosa e aprofundada de conjuntos de materiais textuais, visando a descrevê-los e interpretá-los no sentido de atingir uma compreensão mais elaborada dos fenômenos e dos discursos no interior dos quais foram produzidos.

4 ANÁLISE DOS DADOS

O método utilizado de pesquisa-ação, segundo Thiollent (2003), se destaca pela interação entre pesquisadores e pessoas envolvidas na situação. O objeto de ação não é constituído pelas pessoas, mas pela situação social; e objetiva resolver, esclarecer os problemas da situação observada. Neste processo existe um acompanhamento das decisões e ações dos envolvidos na pesquisa, além de se buscar aumentar o conhecimento de todos os participantes.

Durante todo o processo de produção do vídeo, observaram-se mudanças nos membros do grupo. M demonstrou maior envolvimento do que os outros, o que se atribui ao fato de ele ser neto de uma liderança comunitária do bairro. Outro fato que pode ser atribuído ao maior interesse de M é seu envolvimento como membro do parlamento estudantil. Ele sempre buscou se informar quando ia tratar de algum assunto com as pessoas, o que também aconteceu durante a produção do vídeo, quando ele procurou na escola e em casa material sobre o tema.

A e E (irmãos gêmeos), diferente de M, não se interessaram muito pela temática, não buscando material além daquele que a pesquisadora forneceu a eles. Mesmo estudando na mesma série e escola, suas percepções foram diferentes sobre como o assunto foi abordado na escola. Nesse sentido, aquele que dizia não escutar nada na escola sobre o tema também não percebia os problemas ambientais do bairro, enquanto aquele que afirmava que a escola abordava a temática percebia os problemas e os relacionava com a falta de conscientização. Os gêmeos mostraram-se mais apáticos na busca de informação e basearam-se no que escutavam no rádio e no que assistiam pela televisão.

No processo de produção, percebeu-se que M agia e pensava diferente em relação à água, relacionando-a a outros problemas ambientais. Para a produção do vídeo, ele considerou a necessidade de ter depoimentos de pessoas, pois acreditava que isso sensibilizava mais do que a abordagem técnica e teórica da temática. Ele demonstrou que com a produção do vídeo aprendeu a dar mais valor à água e que medidas simples podem contribuir na questão ambiental. Afirmou, inclusive, que mudou alguns hábitos.

Os gêmeos, ao contrário, foram se desinteressando gradativamente, mostrando uma falta de vontade nos questionamentos e no andamento do projeto, descontinuidade nas atividades e o não comprometimento, deixando M sobrecarregado. Um deles mal respondeu às perguntas feitas por meio do segundo e terceiro questionários.

Analisando todo o processo, entende-se que houve mudança de percepção e sensibilização, mesmo que mínima, dos participantes no sentido de entender um pouco mais sobre o tema que se estava trabalhando, mas, em alguns momentos, houve uma desmotivação do grupo. Mesmo que alguém da esperada e em diferentes níveis entre os três envolvidos, observou-se que ocorreram mudanças na percepção sobre a problemática ambiental abordada no vídeo.

Em relação à apropriação da linguagem midiática durante a produção, pode-se dizer que o vídeo assumiu um papel educativo se revelando uma estratégia de aprendizado e construção/ampliação da cidadania, o que vai ao encontro da afirmação de Gutierrez (1978), o qual aponta que o processo da educomunicação traz à escola, às comunidades, às associações, aos meios formais e informais de educação e aprendizado uma utilização de saberes técnicos com populares, todos convergindo para a educação em algum nível.

No entanto, durante a produção do vídeo, percebeu-se que ocorreu evolução na apropriação da linguagem somente por M. Ele criticou a nossa falta de tempo e disponibilidade para ir a todos os lugares sugeridos, o que considerou como uma falha no processo de produção. Para ele, deveriam aparecer mais experiências das pessoas para sensibilizar mais os espectadores, além de mostrar a situação da água hoje. Os três concordaram que a entrevista deve ser valorizada em vídeos educativos. Todo o material que produziram até hoje na Abaçar teve entrevista. Pode-se perceber também nos gêmeos uma vontade grande de aparecer diante das câmeras, e isso se revela no processo de produção, quando eles fazem brincadeiras e praticamente duelam pelo microfone. Outra situação observada foi a decepção de um deles porque não “apareceu” no filme tanto quanto queria. No entanto, não demonstraram firmeza ao segurar a câmera, fazendo com que as imagens saíssem bastante tremidas e fora de enquadramento. Quem percebe isso depois é M, e não eles. Ou seja, enquanto M está preocupado em realizar o projeto, os outros demonstraram estar mais preocupados com questões subjetivas como aparecer na tela, sem fazer a autocrítica sobre sua participação no processo.

Os gêmeos fazem observações semelhantes de que no vídeo o mais importante é mostrar a água, e não a natureza. Para eles, são duas coisas que não se relacionam, o que demonstra que o vídeo não os ajudou a fazer esta relação mínima. Em relação à evolução no uso da linguagem midiática durante a produção do vídeo, considera-se que foi quase nula, devido aos trabalhos já realizados anteriormente pelos integrantes desta pesquisa.

Durante todo o processo, o grupo foi se adaptando ainda mais às mídias, que já eram de seu conhecimento. Os gêmeos se apropriaram mais daquilo de que gostam, a realização das entrevistas, o que lhes possibilita aparecer na filmagem. Enquanto isso, M precisou suprir a falta de cinegrafista e tomar frente na produção das imagens, juntamente com a pesquisadora, se mostrando mais eficiente no manejo da câmera que os dois irmãos. Uma dificuldade percebida foi a falta de um tripé para que as imagens não tremessem.

5 CONCLUSÃO

De todo o processo, observou-se, em síntese, que:

- a) os problemas pessoais assumem papel protagonista durante o processo de produção do vídeo, afetando o resultado da proposta;
- b) as falhas no processo educativo formal se presentificaram durante o processo da pesquisa participativa, na falta de compreensão das nossas perguntas nas entrevistas, nas falhas na escrita e leitura do material e da compreensão e relação entre questões ambientais;

c) a falta de comprometimento com a temática ambiental foi um fator desmotivador no desenvolvimento do vídeo; deste modo, considera-se que, antes de colocar este tipo de desafio, pode-se iniciar o processo com uma formação mínima teórica sobre o tema em questão;

d) o gênero escolhido (documentário) também foi elemento de desmotivação, já que preferiam o entretenimento;

e) a falta de infraestrutura afetou o resultado, já que eles dependiam da pesquisadora para os deslocamentos para as filmagens;

f) a infraestrutura da casa onde aconteceu a edição tensionou o processo devido ao risco de perda dos materiais em função das chuvas e das consequentes goteiras;

g) os problemas técnicos dos equipamentos interferiram no processo e resultado da proposta;

h) o sentimento latente de preconceito dos próprios participantes pelo fato de se encararem como negros e pobres afeta sua autoestima e conseqüentemente refletiu-se no envolvimento dos gêmeos na proposta que os desafiava, já que não era familiar para eles;

i) a diferença de postura de cada participante em relação ao seu futuro (enquanto um sabe exatamente a faculdade que quer seguir, os outros ainda não pensam nesta possibilidade) refletiu-se no engajamento deles nos desafios que se colocam. Menos expectativas em relação ao futuro resultaria em menor engajamento nas ações do presente;

j) a história de vida de cada um é preponderante na forma de encarar os desafios. M, que assumiu o protagonismo no projeto, é neto de liderança comunitária do bairro, com a qual convive diariamente, e também participa de grupo de liderança estudantil;

k) observou-se que também ocorreu uma certa passividade do grupo em relação à pesquisadora, pois mesmo com todo o equipamento para a produção do vídeo, os envolvidos dependeram da pesquisadora para produzir e editar praticamente todo o material;

l) mesmo com todos os revezes, considera-se que foi possível desencadear um processo de reflexão entre os envolvidos.

Martirani (2008) menciona que o papel do educador socioambiental é o de desenvolver reflexões sobre os comportamentos individualistas, a insustentabilidade de uma cultura consumista, os aspectos psicológicos que cercam os gestos de consumo, proporcionando, assim, elementos que serão capazes de racionalizar esses gestos, e gerar transformações em direção a uma sociedade mais sustentável.

Esta pesquisa transformou a todos, inclusive a própria acadêmica autora do trabalho, pois com as coisas aprendidas sobre a temática durante o processo de produção procura multiplicar nos lugares que frequenta. A participação efetiva na pesquisa trouxe à acadêmica riqueza bastante significativa na questão social, a compreensão com as limitações de cada indivíduo e o respeito pelo tempo de cada um no desenvolvimento do processo. A convivência com o grupo foi bastante rica, proporcionando situações até então não vivenciadas. O projeto do vídeo ficou bastante interessante e parece que passa o seu recado, apesar das falhas de locução e edição de imagem. Existiram empenho e interesse de um membro do grupo, havendo entre ele e a pesquisadora uma maior empatia durante o trabalho. Muitas vezes ficou latente o sentimento de que se poderia ter feito algo mais completo, mas ao mesmo tempo, quando se observa o trabalho, se vê o perfil de alguns participantes e se percebe que o objetivo desta pesquisa foi alcançado.

A utilização da metodologia da pesquisa-ação-participativa foi um desafio, pelo fato de estar sempre em contato com os envolvidos e de perceber a dependência deles em relação a quem orienta a atividade. Aprende-se que não há controle sobre este tipo de processo, pela natureza da metodologia

e do público envolvido. Não houve dificuldade de aceitação no grupo, pois já os conhecia desde março de 2009, mas como não existia comprometimento da parte deles com as cobranças de prazos e tarefas, a pesquisadora acabou sendo vista como “chata”. Observou-se como falha dos propositores a falta de uma possível oficina sobre a temática trabalhada para o grupo que participou do projeto, em que estes poderiam acessar mais conteúdos, tirar dúvidas e até elaborar um roteiro mais criativo a partir disso. De qualquer forma, é certo que todo o processo afetou este período das nossas vidas e pode se refletir no nosso futuro. Como, só o tempo dirá.

REFERÊNCIAS ① ② ③ ④ ⑤ ⑥ ⑦ ⑧ ⑨

ABAQUAR BRASIL. **Projeto Ressocializando através da filmagem**. Lajeado, 2009. 8 f. Não publicado. Digitado. ①

AGÊNCIA NACIONAL DAS ÁGUAS (ANA). Disponível em: <<http://www.ana.gov.br/>>. Acesso em: 14 jun. 2009. ①

BRASIL. **Lei nº 9.433**, de 08 de janeiro de 1997. Institui a política nacional de recursos hídricos, cria o Sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos, dentre outros. Disponível em: <<http://www.lei.adv.br/9433-97.htm>>. Acesso em: 18 set. 2009. ①

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVATES. **Cartilha da Água**. Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ambiente e Desenvolvimento, 2009. Digitada. No prelo. ①

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2008. ①

COSTA, Cristina. **Educação, imagem e mídias**. São Paulo: Cortez, 2005. v. 12. ①

_____. **Tratado de educação ambiental para sociedades sustentáveis**. Disponível em: <<http://www.ufpa.br/npadc/gpeea/DocsEA/TratadoEA.pdf>> .Acesso em: 15 out. 2009.

GUTIÉRREZ, Francisco. **Linguagem total: uma pedagogia dos meios de comunicação**. São Paulo: Summus, 1978. ①

JACQUINOT, Geneviève. **O que é um educador?** 1998. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/11.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2009. ①

MARTIRANI, Laura Alves. **Comunicação, educação e sustentabilidade: o novo campo da educomunicação socioambiental**. 2008. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-1697-2.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2009. ① ②

MORAES, Roque. **Mergulhos Discursivos: análise textual qualitativa entendida como processo integrado de aprender, comunicar e interferir em discursos**. In Metodologias emergentes de pesquisa em educação ambiental (org) GALIAZZI, Maria do Carmo. FERREITAS, José Vicente de. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003. ①

PERUZZO, Círcia M. Krohling. **Comunicação comunitária e educação para a cidadania**. [entre 1998 e 2009]. Disponível em: <<http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista13/artigos%2013-3.htm>>. Acesso em: 13 jul. 2009. ① ②

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla (Orgs.). **História da Cidadania**. São Paulo: Contexto, 2003. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/023/23res_pinsky.htm>. Acesso em: 18 jun. 2009. ①

PROJETO de Ação e Extensão Comunitária da Univates. Lajeado: Univates, 2009, 10 f. Não publicado. Digitado.

SOARES, Ismar de Oliveira. **O perfil do educador.** Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/29.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2009a. ① ② ③

_____. **Mas, afinal, o que é educação?** Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/27.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2009b. ① ②

_____. **Uma Educação para a cidadania.** Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/6.pdf>>. Acesso em: 30 jul. 2009c. ① ②

THIOLLENT, Michel. **Coleção temas básicos de pesquisa-ação.** 12. ed. São Paulo: Cortez, 2003. ① ② ③ ④

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos (Org.). **A pesquisa-ação-participativa em educação ambiental: reflexões teóricas.** São Paulo: Annablume, 2007. ①

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP). Núcleo de Comunicação e Educação. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/aeducacao/>>. Acesso em: 12 jul. 2009. ①

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2004. ①

